



Ciência e Natura

ISSN: 0100-8307

cienciaenaturarevista@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Felício, Ricardo Augusto
“Mudanças Climáticas” e “Aquecimento Global” – Nova Formatação e Paradigma para o
Pensamento Contemporâneo?
Ciência e Natura, vol. 36, 2014, pp. 257-266
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=467546183026>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“Mudanças Climáticas” e “Aquecimento Global” – Nova Formatação e Paradigma para o Pensamento Contemporâneo?

“Climate Change” and “Global Warming” - Formatting and New Paradigm for Contemporary Thought?

Ricardo Augusto Felício*¹

¹ Universidade de São Paulo

Resumo

Faz-se necessário ressaltar, em primeiro lugar, que problema ambiental não é problema climático. Algumas áreas da Ciência vêm cada vez mais cami-nhando por estradas tortuosas que, ao invés de racionalizar o Universo, pregam exatamente o oposto. Ela vai utilizar sua “fama” de imparcialidade, neutralidade etc. para justamente legitimar certas ações que só podem ser encaradas como mitológicas. A Ciência Climática trabalha para outros propósitos e fins e não para entender a atmosfera, dentro do estrato geográfico. É importante frisar muito bem isto, pois ninguém se pergunta por que a Climatologia e a Meteorologia agora vão determinar como todos os seres humanos do planeta devem viver? E por que isto não ocorre? Simplesmente porque são evocados os três grandes medos da humanidade: a Morte, o Futuro e a Mudança. Tudo pode acontecer, mas sempre no futuro, para as pessoas que não existem, mas nós não nos preocupamos com os que vivem hoje. Quando afirmamos que não importa o que façamos, nada vai mudar o clima da Terra, os movimentos ambientais gostam de dizer que há uma autorização para destruir tudo, criando novamente a mistura de problemas reais e pontuais, passíveis de serem resolvidos, com fenômenos que fogem ao nosso domínio. Aqui está a grande falácia do movimento ambiental. Ele usa a lógica da coerência (ou incoerência). Em outras palavras, ou você aceita tudo ou não aceita nada. De qualquer forma, o que se vem implementando é uma política internacional de algo que poderíamos pré-definir como um eco-imperialismo.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas, Pensamento científico, Climatologia, problemas ambientais, eco-imperialismo.

Abstract

It is necessary to emphasize, first, the environmental problem which is not weather problems. Some areas of science are increasingly walking through winding roads, instead of rationalizing the Universe, preach the exact opposite. It will use its “fame” of impartiality, neutrality etc. precisely to legitimize certain actions that can only be seen as mythological. The Climate Science works for other purposes and purposes and not to understand the atmosphere within the geographic stratum. Importantly it very well, because no one asks why the Climatology and Meteorology will now determine how all humans on the planet should live? And why did not it happen? Simply because the big three are evoked fears of mankind: Death, the Future and Change. Anything can happen, but always in the future for people who do not exist, but we do not care about those who live today. When we say that no matter what we do, nothing will change the Earth’s climate, environmental movements like to say that there is an authorization to destroy everything, creating again a mixture of real and specific problems that can be solved with phenomena that escape to our domain. Here is the great fallacy of the environmental movement. It uses the logic of consistency (or inconsistency). In other words, either you accept it or not accept anything. Anyway, what has been implementing an international policy is something we could pre-set as an eco-imperialism.

Keywords: Climate change, Scientific Thought, climatology, environmental issues, eco-imperialism.

* rcaftnt@yahoo.com.br

1 Introdução

Antes de começar, faz-se necessário ressaltar, em primeiro lugar, que problema ambiental não é problema climático. Como Manuel Castells diz, há aqueles preocupados com a preservação da natureza que acreditam na vida selvagem. Há também aqueles que defendem o próprio espaço, visando a qualidade de vida, mas se colocando num papel de agentes poluidores, assumindo uma culpabilidade que não lhes é devida. Também temos aqueles internacionalistas, na luta pela causa ecológica, ao estilo “save the planet”, os quais acreditam que um desenvolvimento global desenfreado trará conseqüências graves ao mundo e aos seres vivos, entre outras diversas tipologias dos movimentos ambientalistas. Um exemplo muito interessante foi visto na questão de usar ou não sacolas plásticas recentemente. Elas não vão sequer alterar o clima das cidades, quanto mais do planeta inteiro, mas sua abolição, como visto no Haiti, em 2013, em escala nacional, levou o país, em menos de seis meses, a uma epidemia de cólera, pois o lixo se esparrama por todas as cidades. Os pobres não vão gastar seu parco dinheiro para comprar sacos de lixo. A Organização das Nações Unidas – ONU agora será processada por este problema. Este é apenas um exemplo do que se verifica por aí, com ações equivocadas, que nada mais são que elitistas e malthusianas e nada têm de científicas.

Partamos agora para desenvolver a questão das “mudanças climáticas” e “aquecimento global” retornando aos questionamentos científicos. Toda vez que alguém afirma algo, e se predispõem a fazer ciência, então precisa provar sua posição. Neste caso em particular, os chamados “aquecimentistas” fizeram uma afirmação que diz que o aumento de dióxido de carbono na atmosfera da Terra, causado exclusivamente pelas atividades de desenvolvimento humano, tem causado a elevação da temperatura do planeta. Quando este grupo resolveu afirmar isto, eles obrigatoriamente precisam apresentar algo que se chama EVIDÊNCIA. Quem nega esta hipótese não tem que provar nada. Quem afirma é que necessita provar e toda vez que os cientistas criticam e pedem pelas evidências, são rechaçados de céticos, de negacionistas e comparados com as piores coisas que se possa imaginar. São relegados como os maiores criminosos contra a “mãe Terra”, contra a humanidade, contra a Natureza. Em breve, os críticos desta hipótese serão filhos de Satã. Assim sendo, verificou-se que não há sequer uma teoria do Aquecimento Global Antropogênico – AGA, mas sim uma hipótese (LINO, 2009).

No estado em que as coisas se encontram, a ideologia ambiental, relacionada ao AGA, tornou-se religião (aliás, Gaia é religião, não Ciência). Os cientistas que negam o AGA não precisam provar nada, mas mesmo assim o realizam na tentativa de fazer com que a razão retorne à Ciência, pois esta se afastou de sua missão. Mas qual é a missão da Ciência? Por incrível que pareça, ela também

foi esquecida. Muitos acham que a Ciência surgiu como um instrumento de libertação. Esta idéia é um engodo. Ela foi concebida para a emancipação humana sobre a Natureza e não aliada à esta. Basta lembrarmos que ela renasceu dos domínios britânicos e holandeses para explorar e conquistar o mundo, em um rompimento de poder exercido na obscuridade da Idade Média, justamente para melhorar as grandes navegações e estender as Cias das Índias. Assim, não se pode cumprir esta meta de emancipação e sobrepujança sem exercer domínio totalitário, tanto sobre a Natureza, como sobre os Homens. Portanto, justamente por ser um instrumento de emancipação, a Ciência se torna um instrumento de dominação (ONÇA, 2011).

Algumas áreas da Ciência vem cada vez mais caminhando por estradas tortuosas que, ao invés de racionalizar o Universo, pregam exatamente o oposto. Ela vai utilizar sua “fama” de imparcialidade, neutralidade etc. para justamente legitimar certas ações que só podem ser encaradas como mitológicas. Neste caso em particular, a Ciência Climática está corrompida! Ela trabalha para outros propósitos e fins e não para entender a atmosfera, dentro do estrato geográfico. É importante frisar muito bem isto, pois ninguém se pergunta por que a Climatologia e a Meteorologia agora vão DETERMINAR como todos os SERES HUMANOS do planeta devem VIVER? Deveria soar ao menos estranho isto, mas ninguém se pergunta. E por que isto não ocorre? Simplesmente porque são evocados os três grandes medos da humanidade: a Morte, o Futuro e a Mudança. Tudo pode acontecer, mas sempre no futuro, para as pessoas que não existem (seus filhos, seus netos) mas nós não nos preocupamos com os que vivem hoje. Pelos próprios relatórios da ONU, 80% da população do mundo passa fome, enquanto produzimos alimentos para 20 bilhões de pessoas, ou seja, quase três vezes a população mundial. Tudo isto foi conseguido pela Ciência.

Em 1798, o reverendo inglês Thomas Malthus, defendeu que a população dos países pobres, à medida que crescesse, iria querer um nível de desenvolvimento humano mais adequado, portanto, iriam concorrer pelos recursos naturais existentes. O “aquecimento global” e o suposto “caos ambiental” ressuscitam a velha teoria malthusiana, pela imposição da força de suas ideologias ambientais baratas elencadas por ONGs, como a britânica World Wide Fund – WWF (Fundo Mundial para a Natureza) e a holandesa Greenpeace, financiadas por empresas e governos. Desta forma, os países subdesenvolvidos devem reduzir o consumo de petróleo, energia e recursos enquanto a sociedade americana, sozinha, consome um terço do que é produzido no mundo (CARRASCO et al., 2001).

Agora, quando os cientistas de fato deixam de encarar a hipótese priorística em que dióxido de carbono aquece o planeta, as contradições começam a aparecer. Vejamos alguns pontos para corroborar com evidências de que o dióxido de carbono, e principalmente o emitido pelos

humanos, jamais controlou ou controlará o clima da Terra.

Ponto 1:

O fator escalar: a composição da atmosfera da Terra é dividida entre 78% Nitrogênio, 21% Oxigênio, 0,7% Argônio e todos os outros gases são chamados traços. O CO₂ possui a participação de 0,033% de todos eles, aqui inclusos os humanos (melhor descrito abaixo). Tal composição se estende nesta proporção até cerca de 100km de altitude, dentro da chamada homosfera.

Ponto 2:

Dióxido de carbono NÃO CONTROLA O CLIMA DA TERRA, bem como qualquer outro gás chamado “estufa”, contabilizados aí os pífios gases refrigerantes das famílias CFCs e afins. Tudo isto é um enorme engodo. Primeiro porque a Terra não é uma estufa! Em uma casa de vidro (estufa) você permite que entrem os raios de ondas curtas (luz do Sol) e inibe fracamente a saída de raios de ondas longas (calor). O que a estufa faz de fato é a inibição da DINÂMICA DE FLUIDOS. Em outras palavras, o ar vai se aquecendo e não tem para onde ir, portanto não troca energia em movimentos termodinâmicos. Efeito semelhante pode ser visto dentro do carro com as janelas fechadas. Basta abri-las para refrescar imediatamente. A Terra não é uma estufa. O CO₂ não retém radiação de onda longa (calor) porque sua proporção é ínfima! Se existe algum tipo de retenção de radiação de ondas longas (e não “efeito estufa”) ele seria local, realizado pela presença de vapor d’água, que permanece na atmosfera na proporção de até 4%. Isto ocorre na presença de céu encoberto por nuvens, principalmente as estratiformes, que ocupam uma vasta cobertura espacial. As reflexões de radiação ocorrem na velocidade da luz, portanto, uma vez que se observa uma abertura entre as nuvens, a radiação vai embora para o espaço, como visto em lugares secos e descobertos. O exemplo clássico pode ser visto no deserto, pois as taxas de vapor são irrisórias e, durante a noite, as temperaturas caem para zero. Se o CO₂ provocasse esse “efeito estufa”, os desertos não seriam frios durante a noite (BALL et al. 2010).

Em 1909 o chamado “efeito estufa” foi estudado pelo físico, o Prof. Robert Williams Wood (1868-1955). Ele realizou experimentos com diversos vidros e coberturas de quartzo, que não conseguem reter nada da radiação de ondas longas. Naquela época ele constatou que este efeito concebido como uma camada que aprisiona a energia refletida pelo planeta, não era possível. Assim, a geologia já mostrou que a Terra teve 10 vezes mais CO₂ na atmosfera e nem por isto ela deixou de entrar em uma era glacial, conhecida como Snowball (MARUYAMA, 2009).

Quanto às comparações planetárias, devemos lem-

brar sempre que a Terra não é Vênus, como alguns “aquecimentistas” gostam de exemplificar. Lá mesmo com um atmosfera apresentando em sua composição 95% de CO₂, 3,5% Nitrogênio e dióxido de enxofre em nuvens alaranjadas, não seria por este motivo que a sua temperatura em superfície é mais alta que Mercúrio. Vênus não possui um ciclo do carbono para fixá-lo em rochas, ou outros componentes da superfície e também não parece ter vida orgânica para absorvê-lo como biomassa. Seus efeitos de temperatura elevada são devido a sua pressão atmosférica em superfície ser muito mais alta que a da Terra. Assim, pela Lei dos Gases $PV = nRT$, com 90 atmosferas de pressão, só poderíamos ter uma temperatura mais alta mesmo. Portanto, nunca aqui na Terra o CO₂ faria tal papel. Só para se ter uma idéia de quanto isto é certo, as sondagens da atmosfera de Vênus mostraram que em 1atm de pressão, que ocorre a 50km em altitude em Vênus, a temperatura do ar é de cerca de 77,0°C, o que equivaleria a um deserto quente aqui na Terra com 50,0°C. Da fato, relativamente mais frio, dado que Vênus está mais próximo do Sol (BALL et al. 2010).

Ponto 3:

Os oceanos ocupam cerca de 72% da superfície da Terra. Os valores supostamente elevados de 0,040% são registrados em Mauna Loa, Havaii. Esta estação foi instalada no Ano Geofísico Internacional (1957-1959) justamente para saber QUAL ERA A CONTRIBUIÇÃO DE CO₂ DO PACÍFICO PARA A ATMOSFERA, ou seja, são os oceanos as maiores fontes de CO₂ para a atmosfera, pois a solubilidade dos gases dissolvidos no mar é inversamente proporcional a temperatura da água (BLÜCHEL, 2008). A elevação suposta de ~0,033% para ~0,040%, difere apenas 0,007% desde 1958 até 2013 precisamente porque os oceanos estiveram cerca de 0,5°C mais quentes nos últimos 50 anos, salvo desde 2007, onde o sistema de bóias ARGO tem verificado que suas temperaturas estão baixando. Também é importante ressaltar que se usarmos os dados das outras 15 estações “oficiais”, nenhum deles é coerente, apresentando discrepâncias de valores. Além disto, torna-se muito absurdo achar que 15 estações medidoras são representantes do planeta todo. O que dizer de apenas uma?

Ponto 4:

Não se levam em conta as escalas. Assim, para se ter uma noção da escala dos processos, os fluxos estimados de CO₂ alcançam 210Gton/ano (Gigatoneladas por ano). Só os oceanos fornecem 90Gton/ano. Todos os outros processos fornecem o resto. O erro estimado para os fluxos é de 20% para mais ou para menos. Em outras palavras, o erro pode ser de 40Gton/ano a mais ou a menos. Nós humanos lançamos 4,1Gton, ou seja,

somos 10% do erro dos fluxos estimados (ONÇA, 2011). Nestes termos, a fração de 0,007% que Mauna Loa registrou como elevação em 55 anos, a parte supostamente humana é de cerca de 0,0000976%. Até os insetos emitem mais que os humanos.

Ponto 5:

A pior afirmação que existe é a de que o CO₂ é o gás do fim do mundo ou que ele se tornou poluente. Tal afirmação, além de estúpida, é ridícula, pois o CO₂ é o gás da vida. Sem ele, nenhuma forma de vida baseada em carbono existiria na Terra. Quanto mais se eleva a sua concentração na atmosfera, maior é a produção vegetal, ou seja, maior produção de alimentos. Há mais de 55 anos se realizam experimentos científicos que comprovam tal fato, como os verificados por Kimball. Recentemente, o programa FACE - Free Air CO₂ Enrichment, do Prof. Matta, de Viscosa, demonstrou isto em atmosfera livre. As mudas de café cresceram absurdamente mais rápidas que suas vizinhas. Esta é a chamada fertilização por carbono. Os satélites ambientais registraram, em 2013, maior crescimento da vegetação. Em outras palavras, os oceanos liberaram o CO₂ e as plantas se beneficiaram disto.

Ponto 6:

As temperaturas já estiveram bem mais altas que as atuais. Há cinco mil anos, quase seis graus Celsius. Toda a calota ártica já derreteu e os ursos polares continuam entre nós, aliás, só para lembrar, os ursos polares são chamados de *Ursus maritimus*, justamente por nadarem tranquilamente 100km/dia (cem quilômetros por dia). Podem nadar 200km/dia e alguns ursos rastreados passaram da impressionante marca de 350km/dia. Assim, não serão as temperaturas e o derretimento de gelo que impedirão a existência destes belos animais. Também precisa-se ressaltar que as temperaturas na Idade Média já estiveram dois graus maiores que as atuais. Os últimos dez anos não são os mais quentes da história, pois os anos de 1930 foram bem mais que estes, com registros específicos na Groenlândia, como as estações de Reykjavik e Godthab Nuuk (GODDARD, 2010). Para piorar a situação da hipótese do AGA, tanto as estações meteorológicas de superfície, que estão dentro dos padrões da Organização Meteorológica Mundial – OMM, bem como os satélites meteorológicos, registraram queda nas temperaturas desde 1998.

Ponto 7:

Ciência não é feita de consenso. Quem é feita de consenso é a política. A Ciência trabalha baseada em

evidências. Os “aquecimentoistas” não conseguiram até hoje provar suas hipóteses, portanto apelam para o “consenso científico” realizado pelas assembleias do Intergovernmental Panel on Climate Change – IPCC com seus “2500 cientistas” que não existem. Vejamos como funciona isto: O Painel, quando criado em 1988, 25 anos atrás, até tinha 2000 colaboradores cientistas que compilaram e escolhem diversos trabalhos sobre clima, os quais têm a sua linha de pensamento – humanos alteram o clima. Atualmente não possui sequer 300 (FELICIO, et al. 2010).

O IPCC não faz trabalho científico, faz política. Como outros órgãos da ONU, ele é auto-nomeado. Ninguém o escolheu para ser seu representante pessoal nestas questões. Membros de ONGs, políticos e diversos tipos de burocratas fazem parte de sua composição. Uma vez que seus imensos relatórios de mais de três mil páginas são elaborados, monta-se uma conferência final onde esses burocratas, políticos e membros de ONGs votam que partes catastróficas serão colocadas nos sumários para políticos, os quais têm apenas 20 páginas. Nestas ocasiões, os cientistas que participaram da elaboração dos relatórios NÃO TEM DIREITO A SE MANIFESTAR. Tal absurdo foi um dos motivos que levou a quase totalidade da saída dos cientistas do IPCC. Este processo de votação ficou bem claro para o mundo na reunião realizada em setembro de 2013, onde VOTARAM partes do relatório que seriam usadas em seu “Sumário para Executivos” atual. Deve-se ressaltar que para a elaboração do quinto relatório (AR5), o IPCC veio recrutar pessoal nos países subdesenvolvidos, grande parte do Brasil, pois isto significa status, verbas intermináveis, boa parte com dinheiro público, viagens aos lugares mais exóticos da Terra a cada 15 dias, ou um mês, e assim por diante. Só para se ter uma idéia, a maior parte destes “colaboradores” defendem a internacionalização dos recursos naturais, ou seja, que entreguemos tudo para o controle da ONU (ONÇA, 2011).

Ainda sobre o IPCC, desde a sua fundação, foi a comissão da ONU que mais apresentou evasão de cientistas. Só em 2008, 650 saíram de lá, brigando e denunciando todas as coisas que aconteciam, desde censuras de seus comentários até alteração de textos revisados. A maioria agora é dissidente e combate a ideologia desta comissão. Temos até mesmo o NIPCC, com fortes correntes no Canadá, Japão e Estados Unidos e que é muito divulgada no exterior, mas nem um pouco aqui no Brasil, cuja censura pela imprensa a estas informações chega a 97%. Não foi à toa que o IPCC veio recrutar gente do mundo subdesenvolvido (FELICIO, et al. 2010).

Ponto 8:

Quanto aos financiamentos, precisamos sempre ressaltar que a maioria dos críticos ao AGA é composta por cientistas aposentados, autores de blogs e pesquisadores

da ativa voluntários e dedicados, que exercem seu trabalho sem financiamento. Enquanto isto, os governos injetam bilhões de dólares em pesquisas “aquecimentistas” para legitimarem suas ações. Quais seriam estas? A criação de mais impostos, o cerceamento de direitos civis e a globalização dos recursos naturais mundiais, com governança global elaborada por painéis científicos legitimadores. Podemos notar isto no Ozone Trends Panel – OTP (o painel do ozônio, outra enorme falácia científica do séc. XX), o IPCC (painel do Clima) e agora o mais novo, o IPBes (painel da biodiversidade, onde as pessoas terão que pagar impostos pelo uso do planeta!). Seria uma conspiração? Não, tudo isto é completamente aberto, pois a ideologia ambientalista tomou todas as frentes e vemos tais coisas acontecerem até mesmo nos financiamentos de pesquisas. A FAPESP não libera verbas para pesquisas que sejam contra os “aquecimentistas”. Se compararmos os financiamentos realizados para as chamadas “pesquisas céticas”, só porque o cientista que recebeu esta verba era oponente à causa, verificou-se apenas uma ocorrência dada pela ExxonMobil, com US\$23 milhões, empresa que atualmente pertence a Shell, patrocinadora de pesquisas “aquecimentistas”. Assim, observa-se que só nos EUA até 2010, os “aquecimentistas” receberam 100 bilhões de dólares. A diferença para a “pesquisa cética” citada é menor em 4347 vezes (FELICIO, et al. 2010).

Enfim, Oliveira (2010), em dissertação de mestrado de 2010, apresentou uma compilação de pesquisas que receberam financiamento para correlacionar fenômenos aleatórios com os gases do “efeito estufa”. Demonstrou que os trabalhos concluía que a elevação de CO₂ causava: aumento de alergia, terrorismo, queda de aviões, risco de colisão com asteróides, morte por câncer, canibalismo em massa, insônia em crianças, ataques de puma, criminalidade, depressão, danos à saúde de cães, mudanças no eixo e velocidade de rotação da Terra, extinções de espécies, da civilização humana, fome, desastre do mundo da moda, envenenamento de comida, mudanças genéticas, infartos, indigestão, fim das Olimpíadas, prostituição, avistamento de OVNI, estupros, guerras, ameaça nuclear, lixo espacial, disfunções sexuais, movimentos tectônicos, erupções vulcânicas, desemprego, casamentos precoces, AIDS, tsunamis etc. Em outras palavras, o AGA serve de bode-expiatório para todos os problemas humanos ou ambientais possíveis, somente porque se correlaciona o valor de CO₂ do Havaii, com qualquer outra variável de interesse. Seguindo essa lógica, poderíamos afirmar que o crescimento da população, do PIB ou qualquer outro parâmetro pode ser associado ao “aquecimento global”, contudo, logicamente as associações são realizadas sempre com os aspectos negativos e problemáticos presentes na sociedade e nunca com os favoráveis, mesmo que estes sejam reais.

Uma segunda questão importante é a recorrência ao milenarismo deste discurso. Ela envolve a idéia de

catastrofismo, ou seja, a severidade dos fenômenos, fim do mundo, mudanças drásticas e outros titãs da Grécia Antiga (BAPTISTA, 2009). Começamos novamente pela relação escalar. Os fenômenos da Natureza manipulam energias planetárias. Os humanos são insignificantes perante a eles. O que devemos fazer é criar resiliência nas sociedades, ou seja, prepararmo-nos para usar nossa sabedoria para resistir (ou tentar) à severidade que nos é imposta pela Natureza. Ao mesmo tempo, há uma colocação importante aqui. Aprendemos, após a Segunda Guerra Mundial, a monitorar nossos inimigos. Em outras palavras, a guerra fria gerou diversas tecnologias de monitoramento. Nestes termos, o próprio planeta Terra tornou-se monitorado permanentemente, pois o palco dos acontecimentos, determinava condições de como ocorreriam os desdobramentos dos conflitos. Não podemos esquecer que o século XX é conhecido como o século da Guerra. Assim, diversos satélites, estações meteorológicas, aviões, sondas etc. foram criados para a guerra e para a Ciência que trabalhava para esta. Aprendemos a ver diversas partes do mundo que antes não víamos, pois aumentou-se muito o uso de satélites ambientais. Ao mesmo tempo, há mais pessoas ocupando diversas áreas da Terra, portanto, testemunhas observacionais das coisas que ocorrem e a internet divulga tudo rapidamente, parecendo que o mundo encolheu, embora ele continue imenso. Conclui-se que as coisas não passaram a existir agora, elas já estavam lá, apenas não sabíamos.

Quanto ao sofrimento das pessoas por questões ambientais, deve-se elencar que temos um sistema de produção da sociedade que tem levado ainda mais as pessoas à níveis de pobreza extrema e portanto, tem conduzido as pessoas a morarem em áreas de risco que já eram suscetíveis aos problemas meteorológicos normais. Assim, há um maior número de casos de pessoas sofrendo prejuízos pelo fato de elas estarem nos lugares errados. A Natureza está certa, pois os fenômenos sempre ocorreram, agora a ocupação, norteada por condições econômicas e sociais é que está errada. Portanto, fenômenos extremos sempre existiram e possuem padrões aleatórios que as vezes se aproximam de alguma idéia bem longínqua de ciclicidade. Um caso interessante foi o ciclone tropical que ocorreu na costa do Sul no Brasil, em 2004. Nós já tivemos outros registrados, bem como é bastante conhecida a presença de tornados no nosso território. Muitos dos fenômenos só não eram antes observados por falta de testemunhas e equipamentos. Situações semelhantes ocorreram pelo mundo todo. O Prof. John Christy, meteorologista dos EUA, declarou: “É extremamente frustrante, para um cientista, ver na mídia que cada desastre meteorológico está sendo acusado de ‘mudança climática’ quando, na verdade, esses eventos fazem parte da variabilidade natural do sistema climático”. Conclui-se que não é porque vemos fenômenos ocorrendo que achamos a prova de que o Homem mudou o clima ou que há alguma coisa errada

no planeta (DURKIN, 2005).

Deve-se tomar um cuidado especial na deturpação do discurso dos críticos ao AGA, “mudanças climáticas” e “caos ambiental”. Quando afirmamos que não importa o que façamos, nada vai mudar o clima da Terra, os movimentos ambientais gostam de dizer que há uma autorização para destruir tudo, criando novamente a mistura de problemas reais e pontuais, passíveis de serem resolvidos, com fenômenos que fogem ao nosso domínio. Aqui está a grande falácia do movimento ambiental. Ele usa a lógica da coerência (ou incoerência, ao meu ver). Em outras palavras, ou você aceita tudo ou não aceita nada. As coisas só andam em bloco e não são passíveis de serem discernidas (ONÇA, 2011). Se discute-se que as atividades humanas não interferem no clima global, eles distorcem dizendo que estamos autorizando a destruição completa, pois nada vai acontecer. De fato, para o planeta, nada vai acontecer mesmo, pois as escalas planetárias são muito superiores em ordem de grandeza que as nossas. O que vai acontecer é a degradação local, e não global, e mesmo esta, reduz-se há poucos quilômetros das suas fontes. Podemos usar diversos exemplos como a poluição do rio Tietê, que em 50km some e o rio se torna límpido, ou a sujeira do ar de São Paulo que desaparece em menos de 20km, que aliás, a maior parte vem, impressionantemente, de fora, ou seja, das queimadas de cana e não pela fumaça dos automóveis. Conclui-se que desviamos o foco dos verdadeiros problemas, que deveriam ser resolvidos pela autoridade competente, por outros, inexistentes. Preocupa-se com o urso polar, mas não com o rio que corta a cidade e deveria ter todo o esgoto tratado antes de ser despejado em suas águas (FELICIO et al, 2010).

Uma terceira questão importante é entender o porquê disto tudo. O que está em jogo é uma outra coisa. Ele visa o controle total da humanidade, com a criação de um governo mundial que possa manipular todas as nações, em esquemas de negociata, onde as questões climáticas e ambientais atinjam os mais altos patamares das discussões sobre qualquer tema, desde fluxos de mercadorias, até financiamentos realizados pelo Fundo Monetário Internacional – FMI. Houve precedentes como a ação coerciva do OTP e seu protocolo de Montreal, onde só os países subdesenvolvidos signatários tiveram empréstimos do FMI em 1990 (MADURO et al., 1992). Todos estes elementos serão controlados pela ONU, e legitimados pelos tais painéis científicos. Em breve, teremos um painel para os oceanos, para a Antártida, para as comunicações, para a agricultura e, é claro, para o espaço. Para quem estiver tendo contato com este discurso pela primeira vez, pode até achar paranóia, mas tudo está explicitamente revelado em seus relatórios, como o Brundtland, assim, usamos as próprias palavras dos adversários para explanar seus planos sobre a soberania dos países e o controle de seus recursos:

“As formas tradicionais de soberania nacional geram proble-

mas específicos quanto à administração dos ‘bens comuns do globo’ e de seus ecossistemas – os oceanos, o espaço cósmico e a Antártida.” (Fonte: Relatório da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Nosso Futuro Comum, p.21, grifos nossos).

Mais exemplos ficaram evidentes com a clareza do discurso na última reunião Rio+20, o carnaval fora de época, onde elencou-se que os oceanos precisam de prioridade, mas não os 40 milhões de brasileiros na faixa da pobreza.

Vejam a questão pela óptica destes indivíduos que estão na mídia o tempo todo e são aclamados como “salvadores do planeta”. James Hansen, da NASA, diz que as pessoas deveriam ser presas por “negação” do clima. Este mesmo sujeito foi preso nos EUA por incitar desobediência civil, segundo relatos de Steven Goddard, do Real Science. O Jornalista Gosselin entrou com uma ação criminal contra Hansen, em New York, por falsificar documentos públicos, já que Hansen alterava sistematicamente dados para criar “aquecimento”. Para fugir do processo, ele pediu sua aposentadoria em fevereiro de 2013, mesmo com o Dr. Harrison Schmitt, também da NASA, em seu encalço, dado o número de fraudes observados. Em outro exemplo, um candidato verde na Austrália sugeriu que talvez precisemos suspender a democracia para poder “cuidar” do “problema climático”, ou seja, com certeza, vamos criar um estado de emergência totalitário para “salvar o clima”. É assustador! No Brasil, várias agências governamentais ambientais já apresentam plena ação de GESTAPO verde. Carlos Nobre continua afirmando categoricamente nos meios de comunicação que os cientistas “negacionistas” são financiados pela indústria do petróleo, quando na verdade a Petrobrás elenca como uma das maiores financiadoras do Fundo das Mudanças Climáticas.

Todas as políticas mitigatórias são uma verdadeira falácia. A coisa também virou um enorme negócio internacionalizado que só visa mais exploração do ser humano, de criar impostos (CPMF climática, por exemplo), de cercear os direitos das pessoas e de criar mais dificuldades ainda para o desenvolvimento nos países pobres, incluído o Brasil, que encabeça a lista. Assim, todos eles seguem à risca o exemplo dado por Stephen Schneider, em 1987:

“Para capturar a imaginação do público, devemos oferecer cenários amedrontadores, fazer afirmações simplificadas e dramáticas, e fazer pouca menção de quaisquer dúvidas que possamos ter. Cada um de nós deve decidir qual é o balanço correto entre ser eficiente e ser honesto” (MADURO, et al. 1992).

Desta forma, o que verificamos é uma passagem para uma quarta fase do capitalismo oligopolista: o eco-ideológico. No primeiro estágio, tivemos o capitalismo industrial, no segundo, o comercial. A terceira fase, no

capitalismo financeiro, dinheiro gera dinheiro. Para a quarta fase, há um novo valor agregado, a ideologia ambiental. Em outras palavras, o sistema capitalista envolve, ou absorve, aquilo que lhe combate. Produtos verdes, “sustentabilidade”, certificações ambientais, nada mais são que vendas de novos produtos. Se nos anos de 1970 o movimento ambiental combatia o capitalismo, aliado aos movimentos das esquerdas, após a queda do muro de Berlim, com o desbaratar de diversos movimentos esquerdistas, tivemos algo inusitado: o sistema capitalista oligopolista foi agregando, vagarosamente, o movimento ambiental para dentro de suas fileiras (DURKIN, 2005). Ao mesmo tempo, muitos dos movimentos esquerdistas viram no movimento ambiental, uma forma de combater o capitalismo. É paradoxal, mas diversos esquerdistas do passado estão nos movimentos ambientais de hoje. Em outras palavras, vermelhos se tornaram verdes. Os exemplos estão no mundo inteiro, desde o parlamento europeu, até mesmo no Brasil. Curiosamente, marxistas estudiosos e convictos, de fato, nunca cederam ou mudaram de lado e prognosticaram que isto iria acontecer. As pesquisas de Onça, em 2011, demonstraram esta tendência e podemos ver tais colocações em Mészáros e Bernardo. Mas também, se por um lado há uma divisão entre os marxistas, a mesma ocorre entre os empreendedores. Os pequenos e médios capitalistas são completamente contrários ao que é posto, pois os capitalistas oligopolistas conseguem manipular a mídia, as leis, os políticos e até países, sempre em favor de suas causas e conseguindo aumentar seus monopólios, justamente usando a questão ambiental para quebrar os pequenos concorrentes, das mais variadas áreas e setores. O que vemos não é mais uma divisão de direita e esquerda, mas uma mandala, com quatro elementos, dos quais dois partilham da visão de direita e esquerda, mas são incongruentes na visão milenarista que é posta ao mundo, deixando nesta situação os capitalistas oligopolistas e marxistas verdes do mesmo lado “aquecimentista” e de “caos ambiental”, enquanto que do outro, os marxistas plenos e os pequenos e médios empreendedores, com as mais variadas colocações, mas entendendo que o esquema global vai tirar-lhes todos os direitos. Curiosamente, poucos viram ou relataram esta nova situação.

De qualquer forma, o que se vem implementando é uma política internacional de algo que poderíamos pré-definir como um eco-imperialismo. Driessen vai responder bem todas essas colocações, em green power, black death, de 2003 (ONÇA et al. 2010). A pseudociência do AGA, vem LEGITIMAR um processo de mitigação de energias, de venda de novos produtos e de instituição de um poder internacionalizado. Para isto, faz-se necessário criar grandes problemas que vão instigar os medos da humanidade, como dito anteriormente. Esses “problemas planetários” serão os alicerces apresentados pela Teoria da Tríade (FELÍCIO et al. 2010), ou seja, as “mudanças climáticas”, o “aquecimento global” e o “caos ambiental” sustentam toda esta trama. Mas, para

resolver tudo isto, basta fazermos compras, com produtos verdes e ecologicamente corretos, que salvaremos o planeta. Simples assim. Salve o planeta fazendo compras. Substitua o eficiente pelo inepto. Troque seus hábitos de vida e assim por diante.

O que observamos é que toda vez que algo fica ecológico, toma uma pintura de verde, o lucro sempre aparece embutido em três etapas: elevação de preços, recebimento de subsídios, redução de impostos. Assim, quem paga a conta sempre é o cidadão, diretamente, quando compra o produto, ou indiretamente, pela ação do Estado benevolente ao empreendedor “verde”. Sim, ser sustentável tornou-se muito lucrativo e a legitimidade desta não é sequer colocada em questionamento, muito menos discutida (SCOTTO et al., 2007). Pode-se ver isto nitidamente quando revistas de negócios colocam em suas capas: “ser sustentável: veja como ganhar muito dinheiro com isto”. O importante é ressaltar que as tecnologias são “importadas”, ou seja, continuaremos sempre dependentes do exterior para tudo, ao invés de incentivarmos as ações e desenvolvimento nacionais, ou em parcerias latino-americanas. O mais assustador é que tais coisas são resolvidas na forma de uma “penada”: no calar da noite, assinam acordos internacionais e voltam aqui para o país para aprovarem uma Lei e pronto! Decidiu-se todo o cotidiano das pessoas.

Desta maneira, vamos a maior questão de todas: ONDE ESTA A LEGITIMIDADE DO MOVIMENTO AMBIENTAL? O que ele pretende? As discussões precisam ser mais aprofundadas, pois reduzir a humanidade à condições severas de vida porque temos que salvar o planeta é uma premissa falha. Não tem legitimidade por este viés, afinal, prega o subdesenvolvimento, a desgraça e a morte dos seres humanos, principalmente os subdesenvolvidos, como já mostraram as ações do OTP. Ninguém está destruindo o planeta, primeiro porque 72% dele é mar. 28% são continentes, mas destes, cerca de 49% são terras áridas, semi-áridas e desertos. Então, o que será que os humanos usam de fato? Menos de 9% da superfície dos continentes e as cidades representam uma fração ridícula de 0,05%, enquanto que as habitações, menos ainda, cerca de 0,005%. Ainda por cima, quase todas as construções humanas são imitações da natureza, sejam lagos artificiais ou atividade de agricultura, das mais variadas espécies. No demais, as cidades, vilas e povoados, como explanado, são apenas 0,005% de toda a Terra. Nestes termos, a loucura ambiental e climática quase aprovou leis no Brasil para que nossos telhados fossem pintados de branco, com a tola ilusão de que isto abaixaria 1,0°C a temperatura do planeta. Isto é uma amostra de verdadeiro desconhecimento dos temas de Arquitetura, Urbanismo e principalmente Geografia, sem falar de um amadorismo pleno. Desconhecer que os lugares tem suas próprias geografias, no que diz a morfologia, localização, clima etc. demonstrou elevada ignorância dos membros do IPCC responsáveis pelo tema.

Outro ponto em questão é que devemos nos preocu-

par com a humanidade. Quando a Ciência resolve que deve submeter as pessoas mais necessitadas do mundo ao estado de desenvolvimento arcaico da Idade Média, ou até mesmo da Idade da Pedra, como o movimento ambiental prega, chegou então a hora em que a Filosofia deveria reorientar certos pensamentos ditos científicos. Justamente é do conforto material de uma civilização que torna possível uma preocupação séria com os valores ambientais. Para quem tem necessidades, para quem precisa suprir o básico, como alimentação, vestuário, transporte, saúde e água limpa, a floresta ficou para trás. Impor para as pessoas a vivência sem condições, justamente para os que tem mais necessidades, ou criar mais dificuldades no cotidiano dos cidadãos, tornaram-se os maiores crimes contra a humanidade. Ao invés de fomentarem, com verbas colossais, a existência e fundação de diversos institutos de pesquisa, de verbas para projetos de retirada de CO₂ da atmosfera e de mecanismos de desenvolvimento limpo inúteis, caros e imperialistas, deveriam sim, dar saneamento básico, condições de vida melhores, moradias. No Brasil, praticamente todos os institutos de pesquisa estão contaminados com esta falácia. Remover este ranço deles consumirá de 20 a 50 anos, dependendo da ação de seus dirigentes e das políticas de Estado adotadas. Portanto, como diria Onça, as idéias ambientalistas refletem primordialmente as preocupações, preferências e visões de mundo de uma minoria de políticos, burocratas, acadêmicos, ONGs e fundações econômicas de países altamente desenvolvidos, que apontam a si próprios como defensores dos interesses da humanidade. Se até certos movimentos ambientais indicam sites de suicídio para salvar o planeta, tal ideologia deveria ser aniquilada pela sua perversidade. Diversas ocorrências tem aparecido, demonstrando a insanidade que o movimento ambiental tem causado. Um exemplo chocante foi relatado por Oliveira, em 2010, quando pais balearam uma bebê de sete meses, que escapou da morte por pouco. Contudo o outro filho de dois anos morreu e depois o casal se suicidou. Em carta deixada, registraram um pacto de suicídio por temerem os efeitos do “aquecimento global”. Este sim é um fato lamentável que ficou conhecido como “aquecimenticídio” (warmcide) e foi um efeito concreto e chocante do medo provocado pelo “terrorismo climático”, pregado pela mídia e totalmente infundado.

As discussões sobre o AGA têm gerado mudanças severas e ainda gerarão danos irreversíveis à sociedade se tal movimento não for devidamente desmascarado (LINO, 2009). Políticos estão mudando as leis na calada da noite, implementando burocracias que se estenderão por todo o sempre, baseados em argumentos pífios e sem fundamentação. Eles evocam o princípio da precaução, dizendo que “mesmo sem plena certeza científica” devemos adotar este ou aquele procedimento. Contudo, se tivéssemos certeza, mudaríamos do mesmo jeito, mas se não temos certeza, mudamos também? Então, para que Ciência se todas as decisões já foram e ainda

serão tomadas usando esse ridículo princípio jurídico da precaução? Precaução se utiliza quando se conhecem os processos e podemos ter uma estimativa de segurança. O Homem não controla os fluxos de massa e energia do planeta para poder aplicar tal princípio. Paul Driessen relatou, em 2007: “O princípio da precaução é sempre usado em apenas uma direção. Fala dos riscos do uso de uma tecnologia em particular – petróleo, por exemplo – mas nunca sobre os riscos de não usá-la”.

Estes artifícios já foram usados no passado para destruir a indústria de refrigeração dos países subdesenvolvidos, como Índia e Brasil, através do OTP. O diplomata Richard Benedick, pró-protocolo de Montreal, que aboliu draconianamente o uso dos CFCs, relatou:

“Na época das negociações e da assinatura [do protocolo], não existia nenhuma evidência de problemas mensuráveis [em que CFCs destruíam o ozônio]. Assim, ao contrário de acordos ambientais do passado, o tratado não foi uma resposta a acontecimentos ou eventos prejudiciais, mas uma ação de precaução em escala global.” (Fonte: LINO, 2007).

Assim, vemos uma burocracia supra-nacional que se instalou e se certifica constantemente que os países não possam usar gases refrigerantes que custam apenas US\$1,00 o quilograma. Ela obrigou a se usar o seu substituto HCFC, dito ecológico, que custa US\$38,00 o quilograma. Contudo, esta obrigação se exauriu, pois o dito gás ecológico, salvador da “camada de ozônio”, foi agora direcionado ao grupo dos vilões, pois ele é um “contribuinte” do “efeito estufa”. Desta maneira, preparou-se a obrigação de sua substituição. Assim, as empresas químicas mais uma vez enriquecerão pela coerção do tratado e o único problema dos HCFCs é que sua patente venceu, isentando o pagamento de royalties. Neste caso em particular, especula-se que seu substituto vá custar US\$128,00 o quilograma. Também não se pode esquecer que não basta apenas trocar o gás dos refrigeradores. Os novos gases nunca funcionarão nos aparelhos antigos, portanto, gera-se a necessidade de trocar todos os aparelhos, um ato extremamente ecológico de proliferação do consumo, como se fez recentemente no Brasil com a história das tomadas e plugues. Essas coisas ocorreram com o DDT, PCBs, Ascarel, Merthiolate, CFCs etc. (MADURO et al. 1992). Sempre se cria um problema repentino, que force a substituição de um produto-chave, o qual gera um processo de troca em cadeia de grande escala. O interessante é ver que o próprio substituto do CFC agora é acusado de não somente “destruir o ozônio”, mas causar “aquecimento global”, explicação esta dada por índices ODD – Potencial de Destruição de Ozônio e GWP – Potencial de “Aquecimento Global” que transitam entre os dois painéis, OTP e IPCC, a fim de manipularem preços entre acordos (LINO et al. 2007).

Assim, o HCFC, o “substituto ecológico”, agora é um dos mais problemáticos. Não é à toa que alguns países começaram a sua tentativa de rebeldia. A Índia,

em setembro de 2013, informou estar farta de ter que trocar seus gases refrigerantes. Uganda, país africano, resolveu utilizar novamente o DDT, passando por cima dos acordos internacionais. O mesmo se verificou no Equador. As doenças despencaram abruptamente nestes dois países nos últimos cinco anos, pois o combate aos vetores de malária e afins foi muito eficiente.

Para encerrar, devemos usar as palavras do próprio IPCC quando este ainda tinha algo de “mais sério”. Dentro de seus relatórios, Onça, em tese de Doutorado 2011, retirou duas passagens que eles fazem questão de não mostrar: “As variações no dióxido de carbono ao longo dos últimos 420 mil anos seguiram amplamente a temperatura antártica, tipicamente de vários séculos a um milênio” (IPCC, 2007, p. 444) e “Concluindo, a explicação para as variações glaciais e interglaciais de CO₂ permanece como um difícil problema de atribuição.” (IPCC, 2007, p. 446). Em outras palavras, primeiro sobe a temperatura da Terra e depois as concentrações de dióxido de carbono. Ou seja, CO₂ NÃO controla o clima da Terra. Certamente NÃO o fez no passado e NÃO o fará no futuro. Se estamos falando de ciências que se dizem duras e usam da óptica positivista ou neo-positivista, sem a evidência científica, a hipótese deve ser imediatamente descartada. Assim, utiliza-se do princípio da precaução para salvar esta hipótese fraudulenta.

O IPCC existe desde 1988. Em 2013 ele completou 25 anos de existência dos quais pelo menos 16 foram de redução da temperatura média global seguidamente. Assim, não há nenhuma evidência que corrobore a hipótese. Diante de tantos escândalos como o Climategate I, II e III, Bolsa do Clima CCX falida, créditos de carbono cujo rastro do dinheiro desaparece, empresas verdes administradas por garotos-propaganda internacionais, HymalaiaGate, GreenpeaceGate, AntartidaGate, AustraliaGate etc. não temos como aceitar. O dióxido de carbono só controla o clima da Terra dentro dos modelos de computador, programados por humanos que corromperam a ciência climática em prol de uma causa financeira internacional perversa. E o modelo errou sistematicamente por 16 anos. Como dito, só vai aceitar esta falácia quem quiser e quem ainda achar que pode controlar os fluxos de massa e energia planetários com as suas próprias mãos, ou seja, uma verdadeira ilusão, portanto, combater o clima é uma atividade onerosa, infrutífera e no final das contas, inútil.

Referências

- BALL, T., JOHNSON, C., HERTZBERG, M., OLSON, J.A., SIDONS, A., ANDERSON, C., SCHREUDER, H., O’SULLIVAN, J., 2010. *Slaying the sky dragon: death of the greenhouse gas theory*. St. Matthew Publishing, Huntingdon, Reino Unido. 352p., 2010.
- BAPTISTA, G.M., 2009. *Aquecimento Global: Ciência ou Religião*, UnB.
- BLÜCHEL, K.G., 2008. *A Fraude do Efeito-Estufa - AGA, Mudança climática: os fatos*. PHL Editora;
- CARRASCO, L., LINO, G. L., PALACIOS, N.D., PALACIOS, S., 2001. *Máfia verde – o ambientalismo a serviço do governo mundial*. Capax Dei Editora. 302pp., 2001.
- DURKIN, M., 2005. *The Great Global Warming Swindle*. BBC, Londres. Inglaterra. Documentário de 2h, 2005.
- FELICIO, R.A., ONÇA, DS, 2010. “Aquecimento Global”, “Mudanças Climáticas” e “Caos Ambiental” Justificando o Falso “Desenvolvimento Sustentável”: A Teoria da Tríade VI Fórum Ambiental da Alta Paulista;
- GODDARD, S., 2010. *To a geologist, “the past is key to the future”*. SPPI Institute, 20p. 2010.
- IPCC, 2007. *Fourth Assessment Report: Climate Change 2007*. Genova, Suíça, 2007.
- LINO, G. L., CARRASCO, L., PALACIOS, S., COSTA, N., 2007. *Fabricando uma “emergência global”. A Fraude do Aquecimento Global*. Ed. Especial março/2007, 24pp.
- LINO, G.L., 2009. *A Fraude do Aquecimento Global*, CAPAX Dei Editora;
- MADURO, R. A., SCHAUERHAMMER, R., 1992. *The holes in the ozone scare: the scientific evidence that the sky isn’t falling*. 21st Century Science Associates, Washington, D.C. EUA, 356pp., 1992.
- MARUYAMA, S., 2009 *Aquecimento Global? Trad Kenitiro Suguio, Oficina de Textos;*
- OLIVEIRA, M.J., 2010. *Incertezas Associadas à Temperatura do Ar no Contexto das Mudanças Climáticas: Determinação das Causas e Efeitos de Heterogeneidades e Discussão das Implicações Práticas*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Engenharia Ambiental – Escola de Engenharia de São Carlos – EESC – USP.
- ONÇA, D.S., FELICIO, R.A., 2010. *O Culto à Frugalidade e a Produção Artificial da Escassez*. VI Fórum Ambiental da Alta Paulista;
- ONÇA, D.S., 2011. “Quando o Sol Brilha, eles fogem para a Sombra...”: A Ideologia do Aquecimento

Global. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia Física – FFLCH – USP.

RELATÓRIO ‘BRUNDTLAND’, 1987. Nosso futuro comum. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 226pp., 1991.

SCOTTO, G., CARVALHO, I.C.M, GUIMARÃES, L.B., 2007. Desenvolvimento sustentável, Editora Vozes. Coleção Conceitos Fundamentais, 107p.

Sites:

www.fakeclimate.com

www.fakeclimate.wordpress.com/

Canal YouTube:

www.youtube.com/user/TVFakeClimate